

Nossa coragem é o medo deles!

Tese do movimento Juntos ao 57º Congresso da UNE

O 57º Congresso da União Nacional dos Estudantes acontece em um momento decisivo do país. Assim como em outros períodos de nossa história, nós estudantes estamos na ponta de lança da resistência contra aqueles que querem destruir nossos direitos e massacrar nossa existência.

A nossa tese é um compromisso e um convite do Juntos aos estudantes que foram para as ruas no mês de maio defender a educação pública, a construir conosco a continuidade das mobilizações e um projeto alternativo para o Brasil!

1. O BRASIL PODE VENCER BOLSONARO

Nosso país passa por uma nova situação política, aberta com a vitória eleitoral de Bolsonaro e da extrema-direita. Seu projeto para o povo combina o massacre aos direitos sociais e trabalhistas, venda dos serviços e patrimônios públicos, com sua agenda de radicalização do autoritarismo. Os donos do dinheiro e do poder ao redor do mundo têm apostado em saídas mais radicais para garantir seus lucros, com maior propagação da xenofobia, do racismo e de ataques aos direitos dos trabalhadores e povos indígenas. Mesmo com as diferenças internas dentro e fora do governo, que fizeram com que Bolsonaro mudasse várias peças já nos primeiros meses, a burguesia tem uma unidade muito evidente: passar a Reforma da Previdência e seguir colocando na conta dos mais pobres a crise que eles mesmos criaram.

É preciso saber, porém, que nós não estamos derrotados. Se hoje levantam as cabeças do reacionarismo, é também porque nossas lutas avançam. Temos assistido a uma verdadeira primavera feminista com a construção das greves de mulheres, a gestação de um levante negro contra o racismo a violência policial e o avanço das lutas LGBTQs. O espaço das ruas é cada vez mais o lugar de decisão dos impasses, em que nossos inimigos também se articulam para ocupá-los.

Bolsonaro ocupou um vácuo de indignação com a velha política e é também tarefa dos estudantes construir uma nova alternativa que supere os erros do passado que nos trouxeram até aqui. Com as nossas mobilizações, novas lideranças, novas pautas, novas formas de organização estão surgindo, nós queremos construir uma alternativa que seja feminista, antirracista, LGBT e ecossocialista.

2. A EDUCAÇÃO É O CENTRO DA RESISTÊNCIA

Assim como na Colômbia, nos EUA e no Chile, a educação brasileira se levanta e arrasta consigo a sociedade. As manifestações de 15 e 30 de maio representaram a primeira grande demonstração nacional, em centenas de cidades, contra o governo Bolsonaro e seus ataques ao povo brasileiro. Auto-organizados em seus cursos e faculdades, através da explosão de assembleias e plenárias de base, os estudantes se reuniram e foram às ruas mostrar que o que pesquisamos e produzimos é de muito valor para o desenvolvimento do país. Mesmo no 14 de junho, dia nacional contra a reforma da previdência, a educação esteve presente e organizada como o setor que mais polariza e enfrenta o governo.

Os cortes e ataques às universidades são parte do projeto ideológico de Bolsonaro. Weintraub e o governo organizam uma escalada contra a autonomia universitária, desrespeitando a decisão das comunidades acadêmicas na definição das listas para escolha de reitores. Além disso, fortalecem os interesses dos grandes tubarões de ensino, com a possibilidade de cobrança de mensalidades nas universidades públicas e o crescente endividamento dos estudantes das universidades privadas. É hora de seguir defendendo firmemente a bandeira da educação, não baixar a guarda para os que nos desrespeitem e nos ameçam, fazendo das nossas universidades uma verdadeira barreira de contenção às ideias da extrema direita!

3. LUTAR PELA MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Este Congresso marca também os 40 anos de refundação da UNE. Nossa entidade, que foi colocada na clandestinidade nos anos de chumbo, teve sua história marcada com estudantes que foram desaparecidos e assassinados pelo regime criminoso dos militares. Na Universidade de Brasília, relembramos Honestino Guimarães, que tombou combatendo o regime e defendendo a democracia. Quando os que estão no poder querem apagar essa história e recontar sob a ótica de nossos algozes, precisamos reafirmar: não esquecemos Honestino, assim como não esqueceremos Marielle Franco, que também teve a vida ceifada há exatos um ano e quatro meses do último dia deste congresso.

4. POR UMA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA E COMBATIVA PARA FORTALECER A LUTA

Diante dos nossos desafios, o movimento estudantil precisa se conectar mais ao conjunto dos estudantes. A UNE, dirigida há décadas pelos mesmos setores, tem se apresentado de forma muito insuficiente para dar cabo dessas demandas, tendo priorizado diversas vezes grandes acordos da cúpula do Movimento Estudantil em detrimento a fortalecer suas instâncias de base. Por isso, acreditamos na construção do campo da Oposição de Esquerda a nível nacional. Diante das tarefas que estão postas para o movimento estudantil, acreditamos que as entidades estudantis não podem se limitar a serem gestores das demandas estudantis; devem ser, acima de tudo, agentes ativos da mobilização.

5. DA LUTA NÃO NOS RETIRAMOS!

Tarefas para o movimento estudantil brasileiro

- Dar continuidade às lutas em defesa das universidades, com uma agenda de mobilização que passe pelo 11 de agosto, dia do estudante, para que a educação siga sendo uma luta de maioria.
- Defender os direitos de nossa classe e organizar a resistência contra a reforma da previdência.

- Conectar as lutas dos estudantes com a luta das mulheres, negras e negros, indígenas, sem-teto, sem-terra, LGBT's e do movimento sindical.
- Democratizar a UNE, abandonando seus velhos vícios e mobilizando luta com construção pela base.
- Exigir justiça para Marielle Franco, lutadora do povo e vítima de um crime político que segue sem respostas há um ano e quatro meses.
- Defender a liberdade de expressão na contramão de um governo antidemocracia. Toda solidariedade à Glenn GreenWald e David Miranda!